

Business Ethics and the Business Case: A Response to the Call for a Business Case for Business Ethics

John W. Kensinger¹ and Robert C. O'Connell²

¹Department of Business Administration, University of North Carolina at Charlotte, Charlotte, NC, USA

²Department of Business Administration, University of North Carolina at Charlotte, Charlotte, NC, USA

Received 15 February 2011; accepted 15 July 2011

Published online: 15 August 2011

© Springer 2011

Keywords: business ethics, business case, business ethics education, business ethics research

Abstract: This article responds to the call for a business case for business ethics.

Business ethics is a field of study that has grown in popularity and importance in the past few decades.

Business ethics is a field of study that has grown in popularity and importance in the past few decades.

Business ethics is a field of study that has grown in popularity and importance in the past few decades.

Business ethics is a field of study that has grown in popularity and importance in the past few decades.

Business ethics is a field of study that has grown in popularity and importance in the past few decades.

Business ethics is a field of study that has grown in popularity and importance in the past few decades.

Business ethics is a field of study that has grown in popularity and importance in the past few decades.

Business ethics is a field of study that has grown in popularity and importance in the past few decades.

Business ethics is a field of study that has grown in popularity and importance in the past few decades.

estavam sendo pesquisadas adequadamente pelos doutos, negligenciando a importância dos instrumentos criados pelos homens (a linguagem, a moral, as leis e as obras de arte), como construção do mundo civil e da história. Vico então, com a obra intitulada *Princípios de (uma) Ciência Nova, acerca da natureza comum das nações*, mais conhecida como *Ciência Nova*, visualiza assim a necessidade de estudar especialmente os instrumentos do mundo civil e o movimento da história.

Para Vico, o movimento da história é cíclico, e a propagação de todas as nações pautou-se em seus inícios, progressos, estados, decadências e fins. Esta concepção do movimento da história é confirmada na teoria *corsi-ricorsi*³ mediante a qual levou Vico a recusar o estudo do mundo natural, porque este, diz o autor, nada poderia ser entendido, mas apenas descrito.

A desconfiança da possibilidade de conhecimento do mundo natural conduziu Vico a buscar a inteligibilidade dos instrumentos deixados pelos primeiros homens, ou seja, o modo como se davam no ato de criar, os quais narravam de uma forma poética (*linguagem poética*) os acontecimentos sociais. Foi a partir desta narrativa-poética que se manifestou em Vico o interesse de compreender o estado da mente dos primeiros homens como forma de emancipação do estado de natureza (solitário). Nele (o estado mental) é percebido, segundo o autor, diferentemente do que pensavam os filósofos, a via que possibilitou aos primeiros homens a construção da realidade social.

Estas narrativas mostram a antropomorfização do mundo natural, homem-natureza, como possibilidade de cognição dos primeiros homens. A forma como se dava a cognição impediu que estes homens continuassem errantes na floresta —conduzindo-os a uma ordem humana. A vida de selvagem, contada por fábulas (*consciência mítica*), permitiu a Vico evidenciar a trama social e o estado animalesco que viviam os primeiros homens.

Para Vico, a *linguagem poética* teve seu papel importantíssimo na constituição da realidade social, pois proporcionou uma relação mais efetiva destes homens rústicos com a natureza, não de dominação sujeito-objeto, mas de harmonia, como se fosse uma relação de pronome pessoal Eu-Tu. Essa relação, própria dos primeiros homens, permitiu ao autor perceber a impossibilidade da razão abstrata (ou representações

conceituais) em domar as paixões fervorosas destes homens que eram puros sentidos.

A passagem do estado solitário para o social só foi possível com a potencialidade da *linguagem poética* de transpor as próprias vontades,⁴ traduzida numa idéia de divindade, a qual provocou nos primeiros homens um temor de si mesmos — causado pelo seu próprio não-saber.

O uso da natureza conduziu em fins cognitivos os primeiros homens a transformação dos fenômenos da natureza numa realidade social, como por exemplo, Júpiter como deus céu, Cibele como deus terra, Netuno como deus mar e outros. Isto porque a mente humana aprisionada num corpo está impossibilitada pela capacidade cognitiva humana em modificar-se por si mesma. Esta condição da mente humana pode ser mais bem compreendida na forma como Vico a tratou no aforismo abaixo:

A mente humana inclina-se, naturalmente, mediante os sentidos, a fazer-se visível no corpo, e, com muita dificuldade, por meio da reflexão, a entender-se a si própria.

Esta dignidade fornece-nos o universal princípio da etimologia em todas as línguas, nas quais os vocábulos são transpostos dos corpos e das propriedades dos corpos para a significação das coisas da mente e do espírito. (1974; p. 50)

A mente humana, sob o uso da *linguagem poética*, incorporou a limitação do corpo, transpondo sob a forma de fábulas a partir de duas faculdades: *fantasia* e *engenuim* — fundamento do *senso comum*⁵, lançar-se para o mundo natural servindo aos primeiros homens como espelho para o conhecimento de si e da realidade social que criaram. Esta condição cognitiva dos primeiros homens, diz Vico, os impedia de enganar o outro, pois estes eram tão simplórios que criavam estas fábulas justamente do desconhecimento de si mesmos, e, por isso, forjavam para si as criações fabulosas, provocadas pelos fenômenos naturais que os instigavam.

Para Vico, a linguagem se dá na construção do mundo civil, enquanto realização da atividade que os homens visam efetivar. E por isso, o autor define a linguagem como social, na medida em que a consciência

que percebe algo na imediatidade daquilo que é percebido, ou seja, que é transformado em objeto de cognição social.

A crítica de Vico fundou-se nesta recusa dos filósofos racionalistas em não quererem adentrar na constituição do mundo civil, argumentando que as fábulas não tinham um caráter de racionalidade. Para o autor, as fábulas constataram as condições reais do estado mental destes primeiros homens, e por isso, não poderiam ser ignoradas.

As relações sociais fundamentadas neste modo de cognição humana permitiram a Vico dividir o desenvolvimento histórico por três idades: dos deuses, dos heróis e dos homens, as quais se caracterizam por sua natureza humana, por sua linguagem, por seu governo e por sua jurisprudência.

As duas primeiras idades caracterizaram-se por uma *linguagem poética* e a última por uma *linguagem reflexiva* ou *reservada*. A diversidade lingüística não impediu Vico de constatar que todas as nações originaram-se de estrutura comum (*uniformidade de idéias*), porque todas tiveram uma fala muda ou por sinais, uma fala metafórica ou simbólica e, finalmente, cultivam uma fala articulada ou convencional. O caráter específico da língua visto por Vico pode ser percebido na citação abaixo:

(...) *as duas fontes de toda locução poética: a indigência das falas e a necessidade de expressar-se e de se fazer entender.* (1974: p. 26)

A cognição humana se dá na estrutura da linguagem que é social. As relações sociais correspondem, por isso, ao estado mental, a uma procura em efetivar sob dois direitos naturais, dito por Vico: *necessidade e utilidade* que conduziriam os homens no mundo civil a seguir um modo de vida voltado para socialização.

Nesta busca de concretizar por intermédio da capacidade cognitiva a socialização é percebido como os homens destinam no âmbito social o acesso ao entendimento daqueles que a constituem. A impossibilidade de realizar estes dois direitos fundamentais, que conduzem também à manutenção do mundo civil causaria, segundo Vico, o retorno aos estados iniciais de bestas-feras, não da forma como os primeiros homens experimentaram⁶, mas como uma forma racional refinada, que envenena a confiança mútua indispensável para a sociedade humana.

E por fim, para Vico, a pretensão dos filósofos racionalistas de transformar a *linguagem matemática* em único meio de obtenção da verdade e determinação da realidade social mostra uma recusa em visualizar a capacidade criativa do homem (*ingenium*) — em seus momentos históricos, como formas possíveis de entendimento da realidade, e conseqüentemente o poder de transformá-la. Esta condição proposta pelos racionalistas leva, diz o autor, para uma consciência estéril, na medida em que torna inviáveis os próprios instrumentos utilizados pela cognição humana ao conhecimento de si.

A intransigência em adotar o modelo dos racionalistas encontra-se no uso da *linguagem matemática* como forma independente de quem a cria, isto é, do homem. Para Vico, a *linguagem matemática* é rigorosa justamente porque foi criada pelo homem e não o inverso. Embora a dimensão desta linguagem consiga descrever os fenômenos naturais sob um caráter universalizador, quando a mesma é posta para os regimentos do mundo civil, não obtém os resultados esperados. Pois o que se vê é uma multiplicidade de costumes sociais, inviáveis para a adequação dos ditames universalistas das ciências exatas.

E por isso, Vico sentiu a necessidade de relacionar a Filologia (que lida com o arbítrio humano) e a Filosofia (que lida com a verdade), dita como uma nova arte crítica. Esta visaria vitalizar as disciplinas humanas e suprir as arbitrariedades no que se refere ao estudo do mundo civil, impedindo que se adeqüe indevidamente à mesma decodificação das ciências exatas ao mundo natural. A tentativa de Vico ajuíza-se para que não haja a desqualificação dos estágios de desenvolvimento humano no contexto da realidade social e nem a recusa da compreensão do processo cognitivo do homem no desenvolvimento histórico.

Bibliografia

- BERLIN, I. *Vico e Herder*. Brasília: Ed. UNB, 1982.
- DESCARTES, René. Discurso do Método. In: *Textos escolhidos*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999, pp. 35-100.
- . Meditações. In: *Textos escolhidos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999, pp. 249-334.

- GRASSI, Ernesto. *Humanismo y Marxismo, crítica de la independización de la ciencia*. Madri: Editorial Gredos, 1977.
- GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. “Vico e Horkheimer: a idéia de barbárie”, In: *Educação e Filosofia*, Uberlândia: Ed. UFU, ano 12 (24), pp. 273-295, jul. /dez. 1998.
- KOSÍK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1963.
- ROSSI, Paolo. *Os Sinais do Tempo: história da Terra e história das nações de Hooke a Vico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal-estar na Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TAGLIACOZZO, Giorgio (comp.). *Vico y Marx, afinidades y contrastes*. México (DF): Fondo de Cultura Económica, 1990.
- VICO, Giambattista. *Princípi di Scienza Nuova*. Milano Napoli: Arnoldo Mondadori, 1992.
- *Princípios de (uma) Ciência Nova; acerca da natureza comum das nações*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- *De l'antique sagesse de l'italie*. Paris: Flammarion, 1993. Traduit par Jules Michelet, 1835.

NOTAS

¹ Bolsista (CNPq-PIBIC) — participante do Grupo de Estudo da Filosofia Social de G. Vico.

² Departamento de Filosofia (FAFCS).

³ VICO, Giambattista. Os princípios de (uma) “Ciência Nova”, In: Os Pensadores, p. 51.

⁴ VICO, Giambattista. Os princípios de (uma) “Ciência Nova” In: Os Pensadores, p. 35. “Esta dignidade prova a existência da providência divina, sendo ela uma divina mente legisladora, que os faria viver como bestas-feras enclausurados na solidão, faz resultarem as ordens civis que os façam viver em sociedade”

⁵ VICO, Giambattista. Os princípios de (uma) “Ciência Nova” In: Os Pensadores, p. 36. “o senso comum é um juízo despido de qualquer reflexão, comumente experimentado por toda uma ordem, por toda uma nação ou por todo o gênero humano”

⁶ Obs. Esta natureza dos primeiros homens é vista por Vico como benevolente, acolhedora, pois foi dela que se pode constituir a realidade social entre os nobres e os fâmulos — a princípio como uma constituição de *Sócios*. Diferente dos homens que usam a linguagem reflexiva, pois estes individualizam suas ações, tornando-se críticos com uma sutileza racional maldosa.